CONJUNTURA AUSTRAL
JOURNAL OF THE GLOBAL SOUTH
ISSN 2178-8839

Artigo
Rev. Conj. Aust. | v. 16, n. 73 | jan./mar. 2025

Olavo de Carvalho e os BRICS: um conspiracionismo anticomunista anacrônico

Olavo de Carvalho and the BRICS: an anachronistic anti-communist conspiracism

DOI: https://doi.org/10.22456/2178-8839.143525

Natalia dos Reis Cruz
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil
natreiscruz29@gmail.com

Resumo

O artigo insere o pensamento de Olavo de Carvalho na extrema-direita, tendo como principal questão a sua visão sobre os BRICS, com o objetivo de analisar a sua narrativa sobre este novo polo de poder geopolítico e um suposto projeto de construção de uma Nova Ordem Mundial. A narrativa é analisada por meio da metodologia da leitura sintomal, que busca discernir a tendenciosidade não reconhecida no texto oficial, através de rupturas, lacunas e lapsos, apreendendo-se as intencionalidades do discurso olavista e trazendo à tona o seu verdadeiro sentido. As fontes analisadas são artigos e vídeos de Carvalho produzidos nas duas primeiras décadas dos anos 2000, no contexto da criação do BRICS e da ascensão dos governos petistas ao poder. Os elementos de sua narrativa são: associação dos BRICS com a construção de uma nova ordem mundial comunista; o papel dos governos do PT neste processo; e união entre o bloco russo chinês e as elites globalistas ocidentais. Conclui-se que há um conspiracionismo anticomunista anacrônico e estratégias discursivas baseadas na omissão de dados da realidade, na descontextualização de fatos históricos e na distorção dos conceitos de comunismo e capitalismo, criando um imaginário negativo dos adversários geopolíticos dos EUA, compartilhando elementos do neoconservadorismo estadunidense.

Palavras-chave: Extrema-direita; BRICS; Anticomunismo.

Abstract

The paper inserts Olavo de Carvalho's thoughts on the extreme right, having as its main question his perception of the BRICS, with the aim of analyzing his narrative about this new pole of geopolitical power and a supposed project to build a New World Order. The narrative is analyzed through the methodology of symptomatic reading, which seeks to discern the unrecognized bias in the official text, through its ruptures, gaps and lapses, making it possible to grasp the intentions of the Olavist discourse, bringing to light its true meaning. The sources analyzed are articles and videos by Carvalho produced in the first two decades of the 2000s, in the context of the creation of the BRICS and the rise of PT governments to power. The elements of his narrative are: association of BRICS with the construction of a communist world order; the role of PT governments in this process; and conjunction between Chinese Russian bloc and Western globalist elites. The conclusion: there is an anachronistic anti-communist conspiracism in the narrative and discursive strategies centered on the omission of data from reality, the decontextualization of historical facts and the distortion of the concepts of communism and capitalism, creating a negative imaginary of the US's geopolitical adversaries, sharing elements of American neoconservative thought.

Keywords: Extreme Right; BRICS; Anti-communism.

Recebido: 24 Outubro 2024
Aceito: 16 Janeiro 2025

Conflitos de interesse: A autora não reportou potenciais conflitos de interesse

Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

Introdução

O pensamento de Olavo de Carvalho é parte da ascensão das extremas-direitas no mundo, um campo não homogêneo, constituído de vários grupos, pautas, lideranças e partidos. No entanto, as forças políticas de extrema-direita possuem elementos em comum, visualizados nas obras de Carvalho: anticomunismo, deslegitimação das minorias, ataque às esquerdas, concepção de inimigos internos e externos, intolerância à diversidade, à alteridade e ao pluralismo social e político.

Segundo Mudde (2022), a extrema-direita hoje tem atuação mundial, é um fenômeno global e abrange todos os continentes, expressando-se em quatro ondas após a Segunda Guerra Mundial. A primeira surgiu logo após o fim do conflito, com base em partidos e movimentos que apoiavam o fascismo clássico dos anos 1920 e 1930. A segunda onda durou de 1955 a 1980, caracterizando-se pelo anticomunismo, pela oposição aos direitos civis dos negros, imigrantes e cidadãos de países colonizados, pelo machismo e por críticas às elites políticas e econômicas. A terceira onda data de 1980 a 2000, com a entrada da extrema-direita nas instituições liberais parlamentares, obtendo votos de cidadãos insatisfeitos com a crise econômica e migratória de fins do século XX. E a quarta onda é a naturalização e a consolidação da extrema-direita como força relevante no século XXI, devido aos problemas econômicos, migratórios e de segurança pública. Podemos situar o pensamento de Olavo de Carvalho na terceira e quarta ondas.

A extrema-direita é uma expressão radical que utiliza a prática da violência física ou verbal. Segundo Schurster, Lapsky e Silva (2014, p. 10), a sua questão central é a negação da alteridade, da diferença e da pluralidade. Para Cruz, Kaysel e Codas (2015, p. 7-8), a extrema-direita ficou à margem da política em vários países da Europa no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, devido ao horror do Holocausto nazista; a luta entre direita e esquerda era civilizada com base no consenso em torno do Estado do Bem Estar Social. Após o fim da URSS, o consenso orientou-se para o livre mercado e a democracia liberal. No Brasil, o passado da ditadura militar era um peso incomodativo e seus simpatizantes tinham que "inventar credenciais democráticas e ajustar o seu discurso".

No entanto, a extrema-direita está de volta. Na Europa, ela reascendeu por volta da década de 1980, com a crise do Estado do Bem Estar Social, o desemprego e a xenofobia resultante do aumento dos imigrantes. Na América Latina, ela reaparece com novas lideranças, atualizando seu discurso e usando novas táticas e estratégias, buscando eliminar o Estado de direito e a democracia (CRUZ; KAYSEL; CODAS, 2015).

Seguidores de Carvalho participaram do governo de Jair Bolsonaro – eleito em 2018 à Presidência da República. Além do próprio Bolsonaro, podemos citar Ernesto Araújo – Ministro das Relações Exteriores sob indicação do próprio Carvalho – e Felipe Martins – assessor para assuntos internacionais do ex-presidente Bolsonaro. Dois meses após tomar posse, Bolsonaro declarou, em uma reunião na casa de Sérgio Amaral – embaixador do Brasil em Washington – que a "revolução" de sua chegada ao poder devia-se em grande parte ao "professor Olavo de Carvalho", também presente na reunião (CLETO, 2024, p. 11).

Por acreditarem que as esquerdas dominam o mundo, os olavistas se veem como "revolucionários" lutando contra um sistema dominante e, por isso, seus movimentos se assemelham aos fascismos clássicos, que se diferenciavam dos conservadores por seu aspecto "revolucionário", uma "revolução conservadora" contra o marxismo (CLETO, 2024, p. 21). Embora Olavo de Carvalho tenha falecido, suas ideias continuam influenciando o Bolsonarismo – movimento que ultrapassa a figura de Jair Bolsonaro - e seus seguidores buscam ocupar espaços públicos e instituições. Um exemplo é a produtora Brasil Paralelo, criada em 2016, que difunde interpretações revisionistas sobre a história do Brasil, com viés negacionista, e atua junto às instituições educacionais para influenciar as novas gerações (CLETO, 2024).

O conceito de "comunidade epistêmica" é útil para abordar a influência das ideias de Carvalho no governo Bolsonaro. Segundo Haas (1992, p. 3), uma comunidade epistêmica é "uma rede de profissionais que possuem domínio e competência sobre um determinado tema e reclamam autoridade sobre um conhecimento relevante para a formulação de

políticas vinculadas a esse tema ou campo". Dessa forma, Olavo de Carvalho foi considerado um ator com conhecimento das realidades submersas nas aparências, visto como imprescindível para as decisões de seus seguidores em cargos no governo Bolsonaro.

Segundo Patschiki (2012), Carvalho foi financiado por setores da burguesia brasileira, sendo um exemplo o Diário do Comércio, ligado à Associação Comercial de São Paulo, onde o autor publicava uma coluna desde 2008. O público-alvo era a classe média, compreendendo "ética" como uma categoria a-histórica e universal e reafirmando o senso comum da pequena burguesia como superioridade moral. A classe média deveria ser objeto de disputa, porque a "classe revolucionária" seria formada entre as massas afluentes deste segmento social que, nas universidades, se "alimentam de doutrina comunista" (CARVALHO, 2003a, s.p.).

A problemática do artigo é como Olavo de Carvalho percebe os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), com o objetivo de analisar a sua narrativa sobre este novo polo geopolítico. A China e a Rússia são "demonizadas" e colocadas no centro de um "projeto de poder comunista global", desqualificando-se iniciativas geopolíticas e econômicas que ameacem a hegemonia norte-americana.

A metodologia é a da análise sintomal, uma crítica da ideologia como um conjunto de ideias e conceitos que servem a interesses particulares de poder. O objetivo da "leitura sintomal" é discernir a tendenciosidade não reconhecida no texto oficial, através de suas rupturas, lacunas e lapsos, iluminando o fosso entre o sentido público oficial do texto e sua verdadeira intenção (ZIZEK, 1996). Será possível apreender então o verdadeiro sentido do discurso olavista.

As fontes utilizadas na pesquisa foram produzidas nas duas primeiras décadas dos anos 2000, quando os BRICS se consolidavam, abarcando os primeiros governos petistas no Brasil, com uma proposta de política externa soberana, reforçando os laços com os países asiáticos. A análise das fontes será complementada com a ajuda de aportes teóricos ligados aos temas que aparecem nas narrativas olavistas, para evidenciar a falta de análise das questões geopolíticas contemporâneas por parte de Carvalho.

O discurso de Carvalho possui aspectos em comum com o conservadorismo e a Direita Cristã dos Estados Unidos (EUA). Iniciaremos então com breves apontamentos sobre estes temas e os seus elementos presentes no discurso olavista.

Olavo de Carvalho, o Conservadorismo e a Direita Cristã dos EUA

O anticomunismo de Carvalho é, em parte, influência da Direita Cristã Americana, que condena o aborto, a homossexualidade, o humanismo, o secularismo, o liberalismo e o comunismo, associando-os a um governo mundial do fim dos tempos, contra o qual os cristãos deveriam lutar. Há interlocução de Carvalho com nomes como Jerry Falwell, Pat Robertson e Phyllis Schlafly. O primeiro foi um pastor batista, televangelista e ativista conservador que fundou, em 1979, a "Maioria Moral", organização política que reunia católicos, protestantes e evangélicos, ajudando a eleger Ronald Reagan e George Bush à Presidência dos EUA (STEENSLAND; GOFF, 2014, p. 111). Pat Robertson foi pastor, empresário e político norte-americano, fundador da rede de televisão CBN (Christian Broadcast Network) e da Christian Coalization, organização que influenciou principalmente o Partido Republicano (MARLEY, 2007).

Robertson publicou a obra A Nova Ordem Mundial, em 1991, na qual fala de um *establishment* nos bastidores que controla a política americana, para estabelecer um governo mundial. Seria uma conspiração dos Illuminati, da Nova Era, da Maçonaria, do Conselho de Relações Exteriores e da Comissão Trilateral, demonstrando a aproximação do fim dos tempos, conforme a escatologia cristã (ROBERTSON, 1991, p. 96).

Phyllis Schlafly foi uma advogada constitucionalista, ativista conservadora e fundadora do Eagle Forum, em 1972, uma organização pró-família e antifeminista. Parte da Direita Cristã Americana é baseada na Teologia do Domínio, que defende a ocupação de instituições seculares pelos cristãos até a volta de Cristo (DIAMOND, 1995), o que explica o trabalho

editado pelos ativistas cristãos Mark Rozell, John Green e Clyde Wilcox (2003), no qual apresentam uma visão das atividades e estratégias do movimento da direita cristã na política de diversos Estados americanos.

Segundo Diamond (1995), a direita americana foi unificada por princípios nos domínios da economia, do Estado-Nação no contexto global – militar e diplomático – e da ordem moral comportamental, ou seja, liberalismo, militarismo anticomunista e tradicionalismo têm sido os três pilares da direita americana. Suas ideias estão presentes no discurso olavista e fazem parte da superestrutura ideológica que permeia a sua interpretação sobre o comunismo, o "globalismo" e a "nova ordem mundial".

Nos anos 1950, as vertentes do conservadorismo americano – os libertários defensores do livre mercado; os tradicionalistas, adeptos dos valores morais tradicionais; e os anticomunistas – se uniram através do anticomunismo comum a todos, no contexto da Guerra Fria, podendo-se então falar em um movimento conservador. A percepção geral dos conservadores era a necessidade de ocupar espaços no *establishment* político e intelectual norte-americano, oferecendo resistência ao pensamento liberal dominante. Um passo importante foi a revista National Review, um instrumento da estratégia fusionista de Frank Meyer (TRIGUEIRO, 2017).

Os neoconservadores eram um grupo de intelectuais europeus que migraram para os EUA nos anos 1930 e são financiados pela Fundação Rockfeller. Para Kristol, por exemplo, os neoconservadores defendem um Estado forte, mas com menos impostos e, na política externa, os seguintes pontos: 1. Patriotismo – visto como natural e peculiar aos EUA e à sua história; 2. Oposição a um governo mundial tirânico; 3. Definição do ato de governar como a "distinção entre amigos e inimigos", inspirada nas ideias de Carl Schmitt; 4. Revalorização do interesse nacional (FINGUERUT, 2008, p. 18-20).

Os neoconservadores se fortaleceram nos anos 1960, em reação aos movimentos contraculturais, ao surgimento da Nova Esquerda – defensora da justiça social e crítica da guerra –, ao declínio da religiosidade e à proteção constitucional ao aborto e à pornografia. Seus intelectuais tornaram-se avessos ao socialismo europeu, ao liberalismo progressista e à contracultura, descrendo na superação das desigualdades sociais pela revolução social ou política e distanciando-se dos intelectuais da Nova Esquerda (FINGUERUT, 2008, p. 21-23).

Lacerda (2019, p. 29-30) diferencia o neoconservadorismo de outros movimentos, argumentando que a sua peculiaridade é a centralidade nos temas da família, da sexualidade, da reprodução e dos valores cristãos. A direita cristã seria o ator mais importante da coalizão neoconservadora, cujos temas incluiriam também o sionismo, o militarismo anticomunista, o idealismo punitivista e o neoliberalismo.

As linhas mestras do pensamento conservador americano estão presentes no discurso de Carvalho, como a crítica ao multiculturalismo e aos movimentos progressistas no campo político e de costumes; a defesa da identidade nacional americana e do livre mercado; críticas à intervenção estatal na economia, à Nova Era e às Universidades. Carvalho idealiza a "nação americana" e elabora um pensamento conspiracionista, que vê em determinados atores estatais e não estatais um projeto de governo mundial tirânico e ameaçador das liberdades individuais.

A narrativa conspiracionista de caráter anticomunista e a crítica ao "metacapitalismo"

Olavo de Carvalho faz um discurso político-ideológico de combate aos países contrários à hegemonia norte-americana. Uma análise de fato exigiria método científico, discussão teórica envolvendo os vários aspectos da questão, consideração dos contextos históricos, uso apropriado das fontes pesquisadas e dos conceitos utilizados. Carvalho, porém, estabelece ligações entre fatos não conectados entre si, a "demonização" do outro, a desconsideração dos contextos das ações dos Estados demonizados e o rebaixamento das questões geopolíticas a uma divisão entre o "bem" e o "mal".

O conceito de conspiracionismo é, portanto, imprescindível para a compreensão da narrativa olavista. Segundo Barkun (2003, p. 4) e Taguieff (2006, p. 57), os princípios básicos do conspiracionismo são: "nada acontece por acidente",

"nada é o que parece", "tudo está conectado" e "tudo o que acontece é resultado de vontades ocultas e malignas". A política é vista como a luta entre forças do bem e do mal nos bastidores ocultos da política.

A extrema-direita geralmente formula teorias conspiratórias, que são uma linguagem política. Segundo Faria (2024, p. 4-5), "nessa linguagem, a mentira organizada tem um papel central de organizar a realidade e oferecer a um mundo instável uma imagem de ordem", dando sentido às causas das inseguranças sociais e uma explicação simples para fenômenos complexos, formulando teses sobre o funcionamento do mundo, e a ideia central é que "todos os acontecimentos derivam de ações deliberadas de um pequeno grupo que age em segredo".

Não haveria complexidade na história, diferenças e pluralidade de interesses. Todos os acontecimentos teriam uma única causa, baseada em intenções subjetivas expressas em planos que as evidenciam, elaborados por um pequeno grupo de agentes – o verdadeiro "motor da história". O problema é que suas "explicações" são irrefutáveis, pois qualquer prova ou contraprova pode ser acusada de conspiração. Geralmente, há advertências contra a possível incredulidade do leitor, que colocaria em risco a sobrevivência da civilização (FARIA, 2024, p. 9).

Há fatos concretos em algumas narrativas de Carvalho, mas desconectados do seu significado real; ele omite fatores conjunturais e contextuais importantes para a compreensão das ações dos atores; e usa desonestamente os conceitos, como o de "comunismo", associando-o não com um modo de organização social da produção e distribuição dos bens materiais, mas com o "caráter" dos comunistas. Ele enxerga uma trama de domínio mundial comunista nos dias atuais, em que a construção de uma ordem social comunista não está presente em grande parte das esquerdas mundiais após o fracasso soviético.

Nos artigos e vídeos de Olavo de Carvalho, na primeira e na segunda décadas dos anos 2000, há uma série de narrativas centradas nos comunistas, na Rússia, na China e nos governos petistas, apresentando-os como a expressão do "mal". Carvalho (2011a) critica as ideias de revolução; o alvo são os países que ele identifica como de "tradição revolucionária" ou "governos revolucionários" atuais, que possuiriam as seguintes características: desinformação estratégica e articulação com o terrorismo e protestos de massa, brutalidade das ações, ligação com redes criminosas do mundo, pretensões de um "governo mundial" revolucionário, autoritário e tirânico, "controle da psicologia das massas por uma elite de 'engenheiros comportamentais' iluminados" e "demolição 'politicamente correta' da moral e das instituições". Há referências a KGB (sigla para Comitê de Segurança do Estado, em russo), que atuaria sob o disfarce de bancos, indústrias e firmas de consultoria; à Venezuela e à Colômbia como territórios de atuação e controle da "máfia russa" (a serviço da KGB); e ao terrorismo islâmico. Os revolucionários seriam aproveitadores das injustiças sociais que usam o discurso do combate a elas como estratégia de conquista do poder, seu objetivo último, já que, após o alcançarem, "multiplicam e reforçam as injustiças." O alvo é a Rússia atual, definida como um "governo revolucionário" (CARVALHO, 2015a).

Há associação das esquerdas ao nazismo através do conceito de "mentalidade revolucionária", definido como "o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remodelar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana, em geral – por meio da ação política", colocando-se "acima do julgamento pela humanidade, tendo apenas que dar satisfações ao tribunal da História". A "mentalidade revolucionária" seria totalitária e genocida em si, não importando os seus diferentes conteúdos ideológicos, e teria inaugurado a era das guerras mundiais (CARVALHO, 2007).

Carvalho omite as alianças dos conservadores com o Nazismo e o Fascismo. Paxton (2007) aponta que, em 1933, políticos conservadores convidaram Hitler para a Chancelaria do Reich devido ao peso eleitoral do Partido Nazista. E Mussolini chegou ao poder por meio de vínculos com forças sociais e políticas tradicionais, como a Monarquia e a Igreja (SASSOON, 2009). Mas Carvalho relaciona as mazelas do século XX aos "revolucionários" de todos os matizes, em um processo de abstração que serve à demonização do comunismo (que teria a mesma essência do nazismo). Ao relacionarmos

os artigos um com o outro, percebemos que os principais alvos de todos eles em seu conjunto são China e Rússia, os adversários geopolíticos dos EUA.

Haveria um plano contra a civilização judaico-cristã, englobando movimentos sociais, Estados, partidos, ONGs, grandes capitalistas, comunistas, anarquistas, neonazistas, radicais islâmicos e budistas atuando contra o americanismo, o israelismo e o cristianismo, defendendo cotas raciais, casamento gay, alarmismo ecológico, aborto e liberação das drogas, em um "ataque multilateral" e uma "unidade estratégica" (CARVALHO, 2003b).

Sua narrativa, embora aponte a colaboração dos grandes capitalistas, chamados de "globalistas" e traidores da civilização judaico-cristã, não tem o capitalismo como alvo. Não há coerência no uso do conceito de capitalismo, associado aos globalistas (as grandes corporações), que também são definidos pelo conceito de metacapitalismo, sugerindo algo para além do "verdadeiro" capitalismo – o de livre concorrência sem a concentração de capital (CRUZ, 2021).

Carvalho (2011b) insere em sua narrativa fatos verídicos sobre o processo de transição do socialismo soviético para o capitalismo na Rússia, denunciando a privatização que lá ocorreu e o enriquecimento de membros da antiga burocracia soviética, definindo este processo de "capitalismo mafioso", baseado no "roubo generalizado do que é público e no dinheiro do narcotráfico, que teria em parte financiado a compra das estatais". De fato, Pomeranz (2018), por exemplo, aponta para a transformação da burocracia estatal em uma nova classe, que passou a ter a posse da propriedade estatal através da "privatização da nomenclatura".

Mas o intuito de Carvalho não é compreender o processo, mas usá-lo contra os comunistas. O problema não seria as privatizações, mas o caráter maléfico dos comunistas que "adotaram o capitalismo tal como o comunismo o concebia", formando "uma classe capitalista sem lei, nem ordem, nem moralidade". Os culpados seriam os agentes do processo - "homens de formação marxista", certos de que "a 'acumulação primitiva do capital' só é possível através do roubo, do saque, da desumanidade e da violência descontrolada" (CARVALHO, 2011b).

Para Carvalho (2011b), o roubo, o saque e a violência não caracterizam o capitalismo, que só teria deixado de ser um sistema primitivo e incipiente a partir do "saneamento do ambiente social e psicológico" pelo "império da lei e da ordem, incluída aí a influência da fé religiosa". O "verdadeiro" capitalismo seria resultado da moral religiosa, que baseia o ordenamento social. Marx teria falsificado "os dados estatísticos do Parlamento britânico" para dar a impressão de que "o capitalismo era filho do banditismo".

Os males do capitalismo russo são atribuídos aos comunistas e a concentração do capital à indivíduos egoístas que buscam o lucro acima do bem de toda a nação. Os comunistas seriam amorais, sem ideologia e projetos de sociedade, pois só desejam o poder. Por isso, implantaram o "capitalismo mafioso" na Rússia e até mesmo se aproximaram da Igreja Ortodoxa Russa (referindo-se a Vladimir Putin), pois, "os princípios morais ou imorais defendidos por esses caras não têm importância nenhuma. Eles trocam de princípio como trocam de cueca" (CARVALHO, 2013).

Carvalho explica políticas variadas como obra de comunistas por meio da desideologização deles, que iriam do ateísmo à religião, da estatização à privatização, da defesa do "homossexualismo" à perseguição aos homossexuais, já que suas pautas e políticas variariam de acordo com as necessidades da luta pelo poder. Haveria apenas "discursos de fachada", trocados constantemente (CARVALHO, 2013).

Comunismo não seria então um modo de produção e organização da sociedade, mas um atributo do mau-caratismo. Esta visão tem a função de tornar aceitável a ideia de um projeto de "domínio mundial comunista" nos dias atuais, apesar do domínio global das relações capitalistas de produção. O falseamento do que seria comunismo serve a uma teoria conspiratória anacrônica.

Os BRICS na narrativa anticomunista

A narrativa olavista sobre os BRICS se insere na perspectiva mais ampla sobre a nova ordem mundial e seu diálogo sobre este tema é com o russo Aleksandr Dugin.[1] Ambos são críticos da ordem mundial existente, mas percebem os algozes de forma diferente. Carvalho fala da ameaça do que chama de "Globalismo" e defende as "tradições primordiais" da civilização ocidental judaico-cristã contra a "degeneração trazida pela modernidade", construindo um discurso dicotômico entre o "bem" e o "mal". A nação americana estaria entre as vítimas, como representante da "civilização judaico-cristã".

O marxismo comunista, o principal responsável pela "unidade estratégica" de forças díspares, teria passado da "guerra contra o capitalismo" para a guerra contra a "civilização judaico-cristã", exigindo "uma diluição do perfil ideológico do próprio movimento comunista", absorvendo "todas as correntes antiocidentais as mais heterogêneas" (CRUZ, 2023a). Na visão olavista, a Rússia e a China são os principais "inimigos", chocando-se com a perspectiva de Dugin, para quem a Rússia estaria entre as vítimas da Nova Ordem Mundial e os EUA seriam os seus principais arquitetos, impondo a democracia liberal, a "ideologia dos direitos humanos" e o livre mercado como padrões para o mundo (CRUZ, 2023b, p. 61).

Ambos se baseiam em uma concepção tradicionalista do mundo[2], associada ao conspiracionismo e à ideia de "choque de civilizações".[3] Carvalho reinterpreta esta última sob uma perspectiva sagrada e escatológica, realizando uma leitura religiosa polarizada do mundo, com base na oposição "cristianismo ocidental X eixo do mal".

A sigla BRICS surgiu pela primeira vez em um relatório do banco de investimentos Goldman Sachs, em 2001, que identificava os novos espaços e oportunidades para a reprodução do capital - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul -, através da inserção de países "semiperiféricos" na transnacionalização econômica de tais países, acelerada na década de 1990 (GARCIA, 2011, p. 4-5).

Na década de 1990, houve acordos e tratados entre Rússia, Índia e China – o RIC – e da China e da Rússia com países da América Latina, incluindo o Brasil. O chanceler russo Evguêni Primakov[4],em uma posição contra a hegemonia norte-americana, articulou a Rússia com países em desenvolvimento com este interesse em comum, visitando países da América Latina – México, Cuba e Venezuela em 1996 e Brasil, Colômbia e Costa Rica em 1997. Iniciou uma aproximação mais estreita com o Brasil no governo FHC, com vistas à cooperação na política internacional, lançando os alicerces de uma parceria estratégica bilateral (ZHEBIT, 2019, p. 440).

Primakov visitou também a Índia e a China e lançou a ideia de um "triângulo estratégico" entre os países, em 1998, pensando em uma nova arquitetura multipolar da política internacional, incluindo os países eurasiáticos, embora sem a proposta de uma aliança militar. A preocupação era com a permanência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a atuação norte-americana como "superpotência". Houve ainda a declaração russo-chinesa sobre o mundo multipolar e a formação de uma nova ordem internacional (abril de 1996), a declaração sobre a parceria estratégica com a

1 Ideólogo da extrema-direita russa e criador do Neo-eurasianismo. Ver Cruz (2023b). O debate de Carvalho com Dugin foi publicado na obra Os EUA e a Nova Ordem Mundial (s.d.).

2 O Tradicionalismo caracteriza-se principalmente pela rejeição da modernidade, entendida como um período histórico em que há um recuo da religião pública em favor da razão, um enfraquecimento do simbólico em favor do literal, um desinteresse pelo espírito, pelas emoções e pelo sobrenatural em favor de coisas materiais; fé no progresso e apelos por liberdade e igualdade; padronização da vida social em detrimento das especificidades culturais e espirituais de cada povo ou nação (TEITELBAUM, 2020, p. 20).

3 Carvalho não utiliza como aporte teórico Samuel Huntington (1994), pois sua tese não é adequada à colocação do Islã como aliado de forças políticas de doutrina "ocidental" como o marxismo (CARVALHO, 2003b). O autor que ele utiliza é John Fonte e sua obra Liberal Democracy vs. Transnational Progressivism, publicada em 2002. Ideólogo da extrema-direita russa e criador do Neo-eurasianismo. Ver Cruz (2023b). O debate de Carvalho com Dugin foi publicado na obra Os EUA e a Nova Ordem Mundial (s.d.).

4 Foi Presidente do Conselho da União do Soviete Supremo durante o governo de Gorbachev (1989-1990) e dirigente do Serviço Central de Inteligência soviético em 1991. Após a dissolução da URSS, nos anos 1992-1995, foi ministro das Relações Exteriores (1996-1998), primeiro-ministro do Governo da Federação da Rússia (1998-1999) e deputado da Duma (2000-2001).

Índia (outubro de 2000) e o Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação com a China (julho de 2001), estes dois últimos concretizados no governo Putin (ZHEBIT, 2019, p. 440).

O RIC começou a funcionar em 2003, como um mecanismo diplomático para amenizar os conflitos entre os países membros, fortalecendo a cooperação multilateral entre eles na Organização das Nações Unidas (ONU) e nos grupos de governança internacional (ZHEBIT, 2019, p. 441).

O discurso de Carvalho descontextualiza o surgimento do BRICS e desconsidera questões geopolíticas fundamentais que condicionaram a formação do bloco. Para ele, os BRICS estão ligados a um projeto de domínio mundial e à implantação de um "governo totalitário" (CARVALHO, 2013, 1:16 – 2:35), associando-os à tirania em contraposição à democracia. Os adversários atuais do Ocidente ameaçariam a liberdade, a democracia e a civilização judaico-cristã, dividindo a atual ordem internacional em "bons" e "maus" e abstraindo questões imprescindíveis à compreensão das disputas geopolíticas contemporâneas.

Carvalho não aborda o processo histórico em sua totalidade. O estreitamento das relações entre os países eurasiáticos deve ser, no entanto, contextualizado. No caso russo, houve uma reviravolta de sua política externa do pós Guerra Fria a partir da atuação de Primakov, que idealizou uma Rússia soberana como ator de peso na geopolítica mundial com interesses nacionais próprios, recuperando a sua importância na arena internacional, cujo legado foi consolidado por Vladimir Putin (ZHEBIT, 2019, p. 423).

Não foi uma conspiração comunista a razão da reviravolta na política externa russa. No imediato pós Guerra Fria, a Rússia estava enfraquecida por perdas populacionais, territoriais, econômicas e militares; conflitos civis e étnicos no antigo território soviético e movimentos separatistas. A política neoliberal do período Yeltsin tornou o país dependente econômica e financeiramente dos países ricos ocidentais. Na política externa, a prioridade era as relações com a Comunidade de Estados Independentes (CEI), formada por 12 próprios, recuperando soviéticas, em detrimento da segurança russa frente à OTAN e aos EUA, apostando na interação com o Ocidente e nas relações com os norte-americanos (ZHEBIT, 2019, p. 423-424).

Ao assumir o Ministério da Defesa e das Relações Exteriores, Primakov centralizou a condução da diplomacia no Ministério das Relações Exteriores, ainda no governo Yeltsin e, a partir daí, os rumos da política externa russa mudaram (LARRABEE; KARACIK, 1997). Longe de querer conspirar contra o Ocidente e destruir a civilização judaico-cristã, Primakov apenas percebeu que a Rússia negligenciava questões de segurança. Logo, a sua política buscava soberania e segurança territorial.

Mas não era uma política antiocidental, apenas reequacionava as relações com o Ocidente para preservar a segurança russa, adotando uma política multivetorial, voltada para uma pluralidade de países e regiões – incluindo os próprios EUA, a Europa, a China, o Japão, o Oriente Médio, a Ásia, o Pacífico, a América Latina e a África (ZHEBIT, 2019, p. 425).

As ideias de Primakov expressavam o pensamento de estadistas russos contrários ao neoliberalismo e preocupados com os interesses nacionais da Rússia. Eles queriam a reemergência do país como grande potência, mas sem adotar uma política antiocidental, diferenciando-se do viés dos ultranacionalistas, defendendo uma "posição conservadora moderada", um "nacionalismo pragmático" (ARBATOV, 1993; TSYGANKOV, 2008, p. 124).

Carvalho oculta o expansionismo da OTAN para o leste após o final da Guerra Fria, definido pela doutrina do "engajamento e alargamento" do governo Clinton, integrando no bloco político-militar ocidental as novas democracias emergentes, ansiosas em participar da prosperidade da União Europeia, facilitada com a entrada na OTAN (ZHEBIT, 2019, p. 432). Tal expansão está ligada aos interesses norte-americanos de criar um mundo unipolar que sirva a eles próprios. Muitas políticas adotadas pela Rússia só podem ser compreendidas neste contexto. A sua omissão abre caminho às narrativas binárias.

Segundo os EUA, a expansão da OTAN devia-se a uma ameaça aos países da Europa Central e Oriental e ao fato de a estabilidade da Europa depender da liderança dos EUA. Havia então algumas alternativas à Rússia: boicotar a OTAN, desistindo de manter relações com os países do bloco; reconhecer a expansão e negociar leis internacionais para regular o relacionamento com o bloco; resistir à expansão sem romper com o Ocidente e negociar com a OTAN para minimizar os desafios à segurança e aos interesses nacionais russos. A terceira opção foi a escolhida, incluindo na pauta das negociações uma "carta de segurança europeia" (ZHEBIT, 2019, p. 432-433).

Apesar da rigidez da postura norte-americana, a Rússia construiu inicialmente uma resistência baseada na negociação, e não em uma postura radical antiocidental. É mais um dado da realidade que enfraquece a narrativa olavista. A atuação cada vez mais unipolar dos EUA pode ser atestada no uso das tropas da OTAN para atacar países soberanos sem a anuência do Conselho de Segurança da ONU. Um exemplo foi o ataque à Sérvia, em 24 de março de 1999, quando a Rússia viu a ação da OTAN como sinal de mudança na estratégia global dos EUA, sob o argumento de "intervenção humanitária". Começou então um processo de revisão russa da parceria com o bloco (ZHEBIT, 2019, p. 435).

As investidas unipolares dos EUA levaram à emergência de um projeto geopolítico contrário, que tem países como Rússia e China entre seus artífices. O capitalismo global hegemonizado pelos EUA e seus aliados enxerga qualquer centro produtivo que ameace seus interesses de mercado como um inimigo a ser combatido e eliminado (SAINT-PIERRE, 2024).

O governo Putin tentou inicialmente se incorporar à União Europeia e negociar um sistema de segurança comum, para regular as relações entre os países. A proposta foi rejeitada, influenciando as ações posteriores de seu governo para fortalecer política, econômica e militarmente a Rússia, balizadas pelas evidências de expansão da OTAN para o leste (SAINT-PIERRE, 2024).

Carvalho reproduz a narrativa do "inimigo" eurasiático construída nos EUA pelos neoconservadores. As corporações americanas estão por trás de tal construção, por não aceitarem a concorrência e a perda de mercados, enquanto, no discurso olavista, elas são tachadas de globalistas e aliadas do bloco russo-chinês, devido aos investimentos ocidentais na região asiática. Não haveria, para ele, uma verdadeira competição entre "dois esquemas globalistas", pois o bloco russo-chinês teria se unido às elites ocidentais para criar uma nova ordem mundial centrada na ONU (CARVALHO, 2016, 5:48 – 7:08).

O que Carvalho chama de "esquema globalista ocidental" é a expansão capitalista para além das fronteiras nacionais, por isso ele menciona os investimentos ocidentais realizados na Eurásia. Não há uma análise dialética que perceba o capitalismo como um sistema contraditório em que a expansão e reprodução do capital a nível mundial acarretam consequências não previstas pelos seus agentes.

Para Carvalho, o "verdadeiro" capitalismo deveria ser regulado pela moral cristã e pelo ideal de nação, um capitalismo idílico. Ele supõe que se possa restringir os movimentos expansionistas do capital, deixando-se de investir em locais que auxiliem o crescimento de economias não ocidentais. O capitalismo teria virado "metacapitalismo" e os sujeitos que detêm o capital passaram a priorizar a busca do lucro acima dos interesses nacionais e fomentaram forças "inimigas" da civilização judaico-cristã. A centralização e concentração de capital, com o escoamento de excedentes, não seriam resultados da dinâmica de reprodução do capital, mas culpa de indivíduos ambiciosos. Ele desloca os problemas do capitalismo para o campo da moral individual, não considerando a essência da dinâmica capitalista. Os "globalistas" ocidentais seriam culpados pelo crescimento dos BRICS, compartilhando com eles um projeto de dominação mundial. Carvalho defende o capitalismo ao mesmo tempo que condena os grandes capitalistas, idealização de um lado e deslocamento cognitivo do outro.

Os autores que abordam os investimentos ocidentais na Eurásia fazem uma análise dialética, que falta a Carvalho. Gilpin (2004) vê o declínio do poder econômico dos EUA para a China como efeito da transferência da produção, com a migração de indústrias tradicionais e de tecnologia avançada para a China e o Leste Asiático, que utilizam a mão de obra

barata na Ásia e no Sul combinada com as técnicas industriais avançadas do Norte. A rápida industrialização de países da Ásia e o surgimento de países exportadores de peso redistribuíram a balança internacional de poder e competitividade econômica.

Para Carvalho (2016, 8:10 – 8:14), o declínio da economia americana é obra do projeto de poder mundial do bloco russo-chinês e dos globalistas ocidentais. A tese do declínio econômico americano não é, no entanto, um consenso entre os estudiosos. Há autores que associam o crescimento chinês e o americano. Fiori (2008, p. 20-21), ao negar o declínio da economia americana, aponta que a reconstrução e o crescimento econômico de outros Estados seriam parte da transformação contínua do sistema mundial, com papel decisivo dos EUA, implicando em maior acumulação e poder norte-americano.[5]

Panitch (2010) afirma que o fluxo de capital dos EUA para a Ásia Oriental cobre o déficit comercial e os circuitos de capital global sustentam o poder norte-americano. Haveria um "poder informal americano", que constrói o poder global dos EUA sem precisar ocupar territorialmente outros Estados, e penetrando estruturalmente antigos Estados rivais através da abertura de mercados, garantindo os lucros e interesses da classe capitalista americana.

Ao construir um imaginário negativo sobre os BRICS, Carvalho faz associações entre estes e outros blocos de poder durante a era da Guerra Fria, notadamente, a formação dos Países Não-Alinhados[6], falsificando o significado destes últimos para "evidenciar" o que seriam os BRICS; ambos teriam uma mesma "fachada", que esconderia o domínio da URSS no primeiro e o da Rússia e da China no segundo. Os BRICS seriam "o esquema russo-chinês maquiado" (CARVALHO, 2016, 1:00 – 1:31).

Não são apresentadas provas concretas desta "fachada" no movimento dos não-alinhados, omitindo, inclusive, as históricas rivalidades entre o Presidente Tito, da Iugoslávia (um dos responsáveis pela construção do bloco do não-alinhamento), e Stalin, ou seja, as resistências do primeiro em se subordinar à URSS. A Iugoslávia não estava entre as áreas controladas pela URSS e Tito articulava uma Confederação Balcânica autônoma em relação aos soviéticos junto com o comunista búlgaro Dimitrov, além de criticar a falta de apoio de Stalin aos comunistas gregos durante a guerra civil na Grécia. Os EUA aproveitaram a ruptura e se aproximaram de Tito, oferecendo ajuda econômica e militar no final dos anos 1940 e saudando-o como "bom comunista" (VIZENTINI; PEREIRA, 2012). Carvalho, portanto, omite dados históricos importantes que desconstroem o seu discurso.

Carvalho (2016, 0:27 - 0:55) diminui o papel dos demais países que integram os BRICS, leia-se, Brasil, Índia e África do Sul, dizendo que "BRICS é quase um eufemismo. Na verdade, é Rússia e China, o resto não importa absolutamente nada, ainda que tenha algum vigor econômico..., mas militarmente eles não são nada, comparados à Rússia e à China".

É claro que o peso militar da Rússia e da China são consideráveis, e há problemas de assimetria econômica e comercial entre os membros, o que é muito discutido pela bibliografia especializada.[7] Mas esta realidade não leva à conclusão da existência de um projeto comunista de dominação mundial russo-chinês.

A despeito das dificuldades na área industrial e comercial, a inserção brasileira nos BRICS tem motivações geopolíticas e estratégicas, pois ambos defendem reformas na ordem internacional e em suas instituições para que os países emergentes tenham influência nas políticas mundiais. É neste sentido que se deve compreender a criação do Banco dos BRICS, por exemplo, para fazer frente a falta de voz dos emergentes em instituições como o Fundo Monetário

5 Em contraposição à visão de Fiori, Wallerstein (2009) e Arrighi (2008) percebem a década de 1970 como o início do declínio americano e de sua hegemonia.

6 Um fórum composto por 120 países que não se alinhavam nem aos EUA e nem à URSS, entre eles, a Índia e a então existente Iugoslávia.

7 Entre os problemas estão a competição das empresas chinesas com as brasileiras na América Latina, América do Norte e África; desigualdades do valor agregado dos produtos comercializados entre os dois países; risco de desindustrialização brasileira, com a entrada de produtos manufaturados chineses no mercado brasileiro; aumento da dependência tecnológica do Brasil em relação à China (BECARDI; BARROS-PLATIAU; OLIVEIRA, 2015; VADELL, 2011; BARBOSA, 2015).

Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (BECARDI; BARROS-PLATIAU; OLIVEIRA, 2015, p. 90-91).

Carvalho, porém, reduz a participação do Brasil a uma subserviência e colaboração com a dominação mundial comunista. Para isso, critica a definição de comunismo baseada na "estatização dos meios de produção", argumentando que tal definição mascara a ação comunista. Segundo ele, a variedade de políticas e estratégias comunistas faz parte de sua essência enquanto movimento político. A meta da estatização seria apenas "hipotética" e longínqua, ficando sempre em segundo plano. Para "provar" a sua tese, são citados a política da Frente Popular – quando os comunistas se aliaram a setores burgueses em uma política "antifascista" (o que seria apenas uma desculpa para ampliar as suas alianças, na luta pelo poder) e o Partido Comunista Brasileiro, que "sempre falou muito menos em estatizar a economia do que em 'defender os interesses nacionais' e a 'burguesia nacional', supostamente ameaçados pelo capital estrangeiro" (CARVALHO, 2015b).

Trata-se de mais um exemplo de descontextualização, para demonstrar que o comunismo seria apenas um movimento político que visa ao poder. Assim, duvida-se da luta antifascista da Frente Popular e passa-se por cima do debate teórico dentro do PCB e da concepção etapista de revolução que predominava no partido à época.[8] Carvalho não introduz em seus artigos um debate sério. Sua crítica visa apenas "provar" que os comunistas estão em toda parte, e que o governo do PT é comunista e, por isso, aderiu ao bloco russo-chinês.

Segundo Carvalho (2015b), o PT teria quatro funções no "movimento comunista internacional": a aliança diplomática com os BRICS; fortalecer o movimento comunista no continente americano através do Foro de São Paulo; usar os recursos do capitalismo brasileiro via corrupção e empréstimos para ajudar os regimes comunistas de Cuba e Angola; e, na política interna, eliminar as oposições, aparelhar o Estado e construir uma hegemonia indestrutível. Por isso, não poderia estatizar os meios de produção para não afugentar a burguesia, de cujos recursos dependeria para realizar suas funções.

Carvalho (2015b) compara os BRICS com a Organização de Cooperação de Shanghai, da qual os primeiros seriam apenas uma "extensão embelezada". A Organização para Cooperação de Xangai (OCX) seria um instrumento russo-chinês para destruir o poder americano, visando transformar a ONU em um instrumento da Rússia e da China contra os EUA.

A OCX, porém, é uma entidade intergovernamental permanente, criada em junho de 2001, para tratar de forma multilateral a segurança da região, envolvendo o combate ao separatismo, ao terrorismo e ao fundamentalismo. A OCX é composta por nove membros (China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, desde 2001; Índia e Paquistão a partir de 2017; e o Irã, a partir de 2021). É um bloco com enorme peso político, econômico e demográfico, seus países-membros representam mais de 70% do território eurasiático, quase metade da população mundial e mais de 30% do PIB mundial (PAUTASSO; NOGARA, 2021). Por que os blocos formados pelos países do Oriente, da Eurásia ou de outros centros fora do mundo ocidental devem ser demonizados, enquanto os EUA e seus aliados europeus sempre espalharam seus tentáculos pelo mundo a fora, para expandir a reprodução capitalista? O que vemos atualmente é a intensificação da concorrência entre polos e blocos geopolíticos por recursos energéticos, matérias-primas e mercados. A teoria conspiratória olavista demoniza um lado e vitimiza o outro, transformando a dinâmica das relações internacionais em um jogo do "bem" contra o "mal".

Na visão de Carvalho (2006), Rússia e China têm "servidores nos organismos internacionais" e contam com partidos de esquerda, organizações terroristas, narcotraficantes (comandados pela máfia russa, que seria "o próprio governo russo"), as ONGs, a mídia e "nacionalistas" das nações periféricas.

[8] O PCB pressupunha que a sociedade brasileira ainda era feudal e que a etapa capitalista era imprescindível para um futuro socialista, daí a sua defesa de uma aliança com a burguesia nacional, visto que se acreditava que o feudalismo brasileiro era ancorado no capital estrangeiro. A discussão sobre a tese pecebista pode ser encontrada em Mantega (2007).

A desqualificação de um polo competidor dos EUA evidencia o enorme desafio que a Eurásia representa hoje para o domínio ocidental sobre o capitalismo mundial. A Nova Rota da Seda é um exemplo, uma iniciativa da China, baseada na construção de um conjunto de rotas marítimas e terrestres, ligando a Europa, a Ásia e a África. Pretende-se gerar desenvolvimento econômico nas nações interligadas, conectando-se os três continentes, aumentando a cooperação econômica e técnica e o fluxo comercial e permitindo à China fortalecer sua liderança no mercado mundial (TOLEDO JÚNIOR, 2022, p. 41).[9]

A China vem, portanto, propondo novos espaços de cooperação econômica e financeira, fazendo frente aos preceitos de Bretton Woods, o que representa um "desafio à atual ordem econômica e financeira internacional" (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017, p. 37).

Longe de ser um projeto de dominação comunista, os BRICS estão inseridos na dinâmica do capitalismo mundial, trazendo em seu espaço os problemas que acompanham a reprodução do capital, como a expropriação das camadas populares (FONTES, 2010), questões abordadas por analistas marxistas[10]. O BRICS como projeto de dominação comunista é um exercício de imaginação, proveniente de um representante da extrema-direita brasileira.

A única maneira de atribuir aos comunistas a geopolítica do capitalismo contemporâneo é desideologizá-los e vê-los como apenas interessados no poder, limpando a imagem do capitalismo por meio do conceito de "metacapitalismo". Mas se trata da ordem do capital e, neste sentido, os BRICS são um projeto de reordenamento da governança global, indo de encontro aos interesses dos EUA e aos de sua classe dominante. Mas não são contra hegemônicos, pois não rompem com o capital, mas ampliam sua inserção competitiva no mercado global capitalista, beneficiando as suas respectivas burguesias. O status de países emergentes está ligado à expansão da dinâmica capitalista; um processo dialético que não poderia ser barrado por sonhos de um capitalismo idílico, como Carvalho sustenta.

Considerações finais

Olavo de Carvalho pertence à extrema-direita contemporânea e possui influências da Direita Cristã Americana e do conservadorismo americano. Produz uma narrativa conspiracionista, ancorada nas seguintes estratégias narrativas interligadas, com o objetivo de demonizar os BRICS: a omissão de processos históricos que contestem o discurso da "ameaça comunista"; a descontextualização das ações dos Estados alvo do discurso; a "desideologização dos indivíduos comunistas, apresentados como apenas obcecados pelo poder; a distorção do conceito de "comunismo" e de capitalismo (através do conceito de "metacapitalismo"); e a construção de uma visão binária do mundo, simplificando as disputas geopolíticas contemporâneas.

Não há análise das questões geopolíticas atuais, seu único propósito é apresentar ao público uma imagem negativa dos adversários geopolíticos e econômicos dos EUA. Os principais países-alvo são a Rússia e a China, que possuem seus objetivos político estratégicos de segurança territorial e de desenvolvimento econômico capitalista, contrapondo-se à hegemonia norte-americana. Mas não podem ser definidos como disseminadores do comunismo em todo o mundo; esta visão é anacrônica porque os dois países fazem parte da ordem global capitalista e possuem todas as mazelas da reprodução do capital, com a China especificamente caminhando para se tornar um Estado imperialista, reproduzindo práticas assemelhadas às adotadas pelos países europeus e pelos EUA.[11]

9 Para mais detalhes, ver Pautasso; Ungareti (2017), Pereira; Pereira (2018) e Hiratuka (2018).

10 Ver a discussão sobre o Imperialismo chinês na África em Barradas (2020).

11 O conceito de Imperialismo compreende a subordinação econômica e cultural de regiões periféricas ao centro capitalista chinês e interferência na política interna de outros Estados para manter no poder forças políticas que colaboram com o papel de fornecedoras de matérias-primas para a economia chinesa. Um exemplo é o apoio com armas e recursos financeiros a regimes ditatoriais na África. Ver Rousset (2021).

Não há, portanto, neste trabalho, a intenção de defender os BRICS, a Rússia e a China das acusações de Carvalho, apenas a de trazer elementos para a discussão, com o objetivo de demonstrar a sua visão binária, conspiratória e simplista. As disputas geopolíticas e econômicas entre Estados e blocos de poder devem ser compreendidas em todos os seus aspectos, e não reduzidas a uma luta entre o "bem" e o "mal".

Referências

ARBATOV, Alexei. Russia's Foreign Policy Alternatives. **International Security.** Cambridge, v. 18, n. 2, p. 5-43, 1993.

BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America**. Berkeley: University of California Press, 2003.

BECARD, Danielly; BARROS-PLATIAU, Ana Flávia; OLIVEIRA, Carina. O Brasil, a China e a VI Cúpula do BRICS. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 81-112, 2015.

CARVALHO. Olavo de. Dialética da inveja. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 ago. 2003a. Disponível em: http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm. Acesso em: 12 dez 2024.

CARVALHO, Olavo de. Ainda o golpe de estado no mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jul. 2003b. Disponível em https://olavodecarvalho.org/tag/russia/. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. Sugestão aos bem pensantes: Internem-se. **Diário do Comércio**. São Paulo, 30 jan. 2006. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/sugestao-aos-bem-pensantes-internem-se/. Acesso em: 12 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. A tradição revolucionária – 3. **Diário do Comércio**. São Paulo, 18 jul. 2011a. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/tag/russia/. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. Copiando os russos. **Diário do Comércio**. São Paulo, 19 ago. 2011b. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/tag/russia/. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. Sobre o BRICS e o Controle Mundial. **Canal Cleiton Sub Mente**, 6 abr. 2013. Disponível: em https://www.youtube.com/watch?v=1NeSABWd2Kg. Acesso em: 12 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. Duas épocas. **Diário do Comércio**. São Paulo, 22 out. 2015a Disponível: em https://olavodecarvalho.org/tag/russia/. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. O Comunismo dos Imbecis. **Diário do Comércio**. São Paulo, 14 mai. 2015b. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/tag/russia/. Acesso em: 4 mar 2024.

CARVALHO, Olavo de. O Que é o BRICS. **Canal Brasil de Verdade**, 10 mai. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w08TjGwHuqI&t=18s. Acesso em: 12 mar 2024.

CLETO, Murilo Prado. **Novas Direitas, Memória e Revisionismo**: Como a Brasil Paralelo Contou a História do Regime Militar. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, Brasil, 2024, 365f.

CRUZ, Natalia. A miséria do conspiracionismo brasileiro. A apropriação de Marx e Gramsci na obra "O Eixo do Mal" de Heitor de Paola. **Diálogos**. Maringá, v. 25, n. 1, p. 233-260, 2021. Disponível em: https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/50033.

CRUZ, Natalia. Aleksandr Dugin, o Projeto Neoeurasianista e a Narrativa sobre a Nova Ordem Mundial. **Estudos Internacionais**. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 53-70, 2023b. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/30811.

CRUZ, Natalia. O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 15, n. 39, p. e0201, 2023a. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315392023e0201.

CRUZ, Sebastião Velasco; KAISEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). **Direita Volver**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DIAMOND, Sara. **Roads to Dominion**: Right-Wing Movements and Political Power in the United States. New York: The Guilford Press, 1995.

FARIA, Daniel. Subversivos em toda parte: como funciona uma teoria da conspiração. **História (São Paulo)**. São Paulo, v. 43, e20220050, p. 1-17, 2024. Disponível em https://www.scielo.br/j/his/a/CPJGf9ZwSr4dchTPhwjdp7x/?format=pdf&lang=pt.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade do Estado de São Paulo, Brasil, 2008, 150 p.

FIORI, José. Luís. O sistema interestatal capitalista no início do século XXI. In: FIORI, José Luís; MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. (orgs.). **O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008, p. 11-70.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o Capital-imperialismo**. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

GARCIA, Ana. Emergindo de onde e para onde? Países "emergentes" e a possibilidade de configuração de uma nova ordem mundial. **3º Encontro Nacional ABRI**, USP, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000100016&script=sci_arttext.

GILPIN, Robert. **O Desafio do Capitalismo Global**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2004.

GREEN, John, ROZELL, Mark. WILCOX, Clyde. **The Christian Right in American Politics**: marching to the Millennium. Washington D. C.: Georgetown University Press, 2003.

HAAS, Peter. Introduction: Epistemic Communities and International Policy Coordination. **International Organization**, v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/2706951.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LARRABEE, F. Stephen; KARACIK, Theodore. Foreign and security policy decision making under Yeltsin. **National Defense Research Institute**. Washington, D.C., RAND, 1997.

MARLEY, David John. **Pat Robertson**: An American Life. Washington D. C.: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

MUDDE, Cass. **A extrema-direita hoje**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

PANITCH, Leo. Giovanni Arrighi in Beijing: an alternative to capitalism? **Historical Materialism**. Londres, v. 18, n. 1, p. 74-87, 2010.

PAUTASSO, Diego; NOGARA, Tiago. Cooperação de Xangai, elefante na sala do Ocidente. **Outras Palavras**. São Paulo, 7 out. 2021. Disponível em: https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/cooperacao-de-xangai-elefante-na-sala-do-ocidente/. Acesso em: 4 mar. 2024.

PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos. A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **Estudos Internacionais**. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 25-44, 2017.

PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da nossa Burguesia**: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, 2012, 418f.

PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo**. A Transformação Sistêmica da Rússia. Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

ROBERTSON, Pat. **A Nova Ordem Mundial**. Dallas: Word Publishing, 1991.

SAINT-PIERRE, Héctor. 2022: O Ano da Inflexão Histórica. **Opera Mundi**. São Paulo, 20 fev. 2024. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/opiniao/85698/2022-o-ano-da-inflexao-historica. Acesso em: 27 fev. 2024.

SASSOON, David. Mussolini e a Ascensão do Fascismo. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, ano 4. n. 24, Rio de Janeiro, 2009.

SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Francisco Carlos; SILVA, Giselda. **Velhas e novas direitas**: a atualidade de uma polêmica. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2014.

STEENSLAND, Brian; GOFF. Philip. **The New Evangelical Social Engagement**. New York: Oxford University Press, 2014.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L'imaginaire du complot mondial**: aspects d ún mythe moderne. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006.

TOLEDO JUNIOR, Gelson. **A Nova Rota da Seda**: uma análise da iniciativa chinesa e os possíveis reflexos nas economias latino-americana e brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2022.

TRIGUEIRO, Gabriel. **Neoconservadorismo versus Paleoconservadorismo**: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2017, 256f.

TSYGANKOV, A. **Vniêchniaia políTika Rossii ot Gorbacheva do Putina**: formirovánie natsionalnogo interessa. Moscou: Nautchnaia Kniga, 2008.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História Mundial Contemporânea (1776-1991)**. Da Independência dos Estados Unidos ao Colapso da União Soviética. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

ZHEBIT, Alexander. Sobre a história da política externa da Rússia: o "paradigma" de Primakov. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, p. 421-445, 2019.

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Funções de colaboração exercidas	
Natalia dos Reis Cruz:	*Conceituação; Metodologia; Administração do projeto; Análise formal; Investigação; Supervisão; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição);*

Informações fornecidas pela autora de acordo com a Taxonomia de Funções de Colaborador (CRediT)